



***“PAU NO CU DO TRICOLOR”: DISCURSOS QUE CONSTROEM AS
MASCULINIDADES TÓXICAS NAS TORCIDAS DE FUTEBOL***

***“¡AL CULO DEL TRICOLOR!”: DISCURSOS QUE CONSTRUYEN LAS
MASCULINIDADES TÓXICAS EN LAS HINCHADAS DE FÚTBOL***

***“F*CK THE TRICOLOR”: DISCOURSES THAT SHAPE TOXIC
MASCULINITIES IN FOOTBALL FANDOMS***

Thatiane Oliveira do Nascimento¹

Anderson Ferrari²

RESUMO

O texto tem como objetivo problematizar as práticas discursivas presentes nos processos educativos que constroem as masculinidades tóxicas e seus modos de sociabilidade. Temos como elemento mobilizador o confronto entre as torcidas do Santa Cruz e do Sport Recife, que, entre seus atos de violência, registrou-se a introdução de uma barra de ferro no ânus de um torcedor. Acorado nas perspectivas pós-estruturalistas de inspiração foucaultiana, que nos ajudam a pensar os sujeitos como resultados de discursos, dialogamos sobre os processos de subjetivação, a partir da pergunta: como nos tornamos o que somos? Desse modo, partimos do entendimento da existência de um currículo para a masculinidade que está presente nos processos de subjetivação dos torcedores de futebol, que remetem às masculinidades tóxicas presente no processo histórico. Por fim, dedicamo-nos a pensar nos desafios e nas potencialidades da escola como espaço de desconstrução das masculinidades tóxicas.

PALAVRAS-CHAVE: Processos de subjetivação, Masculinidades tóxicas, Torcidas de futebol, Escola.

RESUMEN

El texto pretende problematizar las prácticas discursivas presentes en los procesos educativos de los hinchas de fútbol, que construyen masculinidades tóxicas y sus modos de sociabilidad. El elemento movilizador fue el enfrentamiento entre las hinchadas de Santa Cruz y Sport Recife, que entre sus actos de violencia incluyó la inserción de una

¹Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.

²Doutor pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.

barra de ferro en el ano de un hincha. Anclados en perspectivas postestructuralistas inspiradas en Foucault, que nos ayudan a pensar a los sujetos como resultados de discursos, discutimos los procesos de subjetivación, a partir de la pregunta: ¿cómo llegamos a ser lo que somos? Así, partimos de la comprensión de la existencia de un currículo de masculinidades, presente en los procesos de subjetivación de los hinchas de fútbol, que remite a las masculinidades tóxicas presentes en el proceso histórico.

PALABRAS CLAVE: Procesos de subjetivación, Masculinidades tóxicas, Hinchas de fútbol, Escuela.

ABSTRACT

The text aims to problematize the discursive practices present in the educational processes of football fans, which construct toxic masculinities and their modes of sociability. The mobilizing element is the confrontation between the fans of Santa Cruz and Sport Recife, which, among its acts of violence, included the insertion of an iron bar into the anus of a fan. Anchored in the post-structuralist perspectives inspired by Foucault, which help us to think of subjects as results of discourses, we discuss the processes of subjectivation, based on the question: how do we become what we are? In this way, we begin by understanding the existence of a curriculum for masculinity, present in the processes of subjectivation of football fans, which refers to the toxic masculinities present in the historical process.

KEYWORDS: Subjectivation processes, Toxic masculinities, Football fans, School.

* * *

Introdução

“Nas redes sociais, circularam vídeos do presidente da organizada do Sport sendo agredido. Ele teve as roupas arrancadas e foi violentado sexualmente com uma barra de ferro no meio da rua³”. Essa notícia de violência entre homens é parte de um jogo de construção de gênero que toma o futebol como uma arena privilegiada (Ricardo Alexandre Guerra; Gisele Rocha de Siqueira, 2008). Na atualidade, um novo componente surge para agravar essa violência: a divulgação nas redes sociais. Essa ação potencializa a agressão e reforça o caráter da humilhação, segundo Márcia Regina da Costa (1999), para quem a violência humana, diferente da agressividade animal é marcada pelo desejo. Para a autora, a violência no futebol e para além do campo tem fins destrutivos.

O recorte da notícia escolhida para iniciar este texto se refere à violência praticada durante o confronto entre as torcidas do Santa Cruz e do Esporte Recife, no primeiro sábado do mês de fevereiro de 2025. Uma notícia que nos convida a pensar o futebol como um contexto cultural específico, como defende Gustavo Bandeira e Fernando Seffner (2013, p. 247), o que significa dizer que ele “institucionaliza práticas,

³ <https://g1.globo.com/pe/peernambuco/noticia/2025/02/03/torcidas-atos-de-violencia.ghtml>.

ensina, produz e representa masculinidades”. É o presidente de uma torcida organizada que é violentado na rua. Mais do que isso, ele tem um tipo específico de violência – a sexual – que ganha significados mais dramáticos pela filmagem e divulgação das imagens. Tudo isso vai constituir tipos de masculinidades em negociação.

Tomamos esse caso como elemento mobilizador para problematizar a construção das masculinidades tóxicas e seus reflexos nas sociabilidades entre homens, tema que dialoga e é parte de uma pesquisa de doutorado em andamento, que investiga os modos de produção das subjetividades do homem paraibano, cabra-macho, e suas aproximações com as masculinidades tóxicas. Os referidos modos, ao serem incorporados pelos sujeitos, correm o risco de serem reproduzidos como naturais, constituindo-se como práticas de si. Assim, estamos afirmando nossos interesses nas relações de gênero entendidas como construção, que tem efeitos na constituição dos sujeitos. Isso significa dizer que estamos entendendo a constituição dos sujeitos como processos educativos, seguindo as trilhas das perspectivas pós-estruturalistas de inspiração foucaultiana.

Partindo do pressuposto de que somos sujeitos de experiência, resultados de discursos que dizem de relações de saber-poder, importam-nos os processos de assujeitamento e desassujeitamento das masculinidades. Nos diferentes espaços sociais em que isso ocorre, é a escola que nos chama atenção. Quais os desafios e as potencialidades desse espaço de conhecimento e de sociabilidade das e para as masculinidades? Como a escola participa, problematiza ou combate a construção das masculinidades tóxicas? Como os sujeitos masculinos se constroem entre si e na relação com os demais gêneros? São essas inquietações que fundamentam a pesquisa com as masculinidades tóxicas e suas aproximações e distanciamentos com o cabra-macho paraibano e que serão retomadas para ancorar as discussões neste artigo, que tem como foco de análise a formação e as redes de sociabilidade dessas masculinidades nas práticas das torcidas de futebol.

Metodologicamente, tanto na pesquisa mais abrangente de doutorado quanto para a escrita deste artigo estamos acionando um modo singular de fazer pesquisa, próprio das investigações foucaultianas, que é a problematização. Segundo James Marshall (2008) há uma perspectiva de pesquisa em Foucault, que podemos chamar de “problematização”. Marshall explora essa abordagem “como uma possibilidade para fazer pesquisa educacional” (2008, p. 25). Para Michel Foucault, problematizar está diretamente ligada história do pensamento. Problematizar é dar um passo para trás para

transformar em problema algo que não nos chamava atenção. Assim, como procedimento metodológico, nosso propósito é tomar a reportagem da violência como objetivo de problematização do pensamento e de organização dos sujeitos nos seus pertencimentos de gênero e sexualidade para colocar sob suspeita nossas formas de pensar e agir como resultado de discursos e de processos educativos.

Colocar sob investigação as masculinidades e seus desdobramentos nos incita a operar com outros conceitos norteadores. O primeiro deles é o gênero, para tanto consideramos os escritos de Judith Butler (2009;2010;2023), quando nos conduz a pensar que o gênero é uma construção através de atos contínuos. A performatividade de gênero defendida pela autora está regulada pelas normas entrelaçadas nas relações de poder que constroem os sujeitos. “Então, um sentido importante da regulamentação é que as pessoas são reguladas pelo gênero e que esse tipo de regulamentação funciona como uma condição de inteligibilidade cultural para qualquer pessoa” (Butler, 2010, p. 83). O descrito pela autora corrobora a afirmação de Joan Scott (1995), quando considera que a construção dos gêneros está imbricada nas relações de poder. São essas construções que irão condicionar a inteligibilidade dos sujeitos de acordo com o contexto sociocultural. Não por acaso, o futebol é um espaço de construção das masculinidades, visto que ele se constitui como uma das brincadeiras preferidas de meninos desde a infância. Violentar sexualmente o chefe de uma torcida opositora diz desse contexto cultural atravessado por relações de poder.

O segundo e terceiro conceitos que iremos discutir, frente à construção das masculinidades, é a sexualidade e o discurso, para tanto recorremos a Michel Foucault (2023; 2014) quando afirma que os sujeitos são resultados de discursos. Assim como o gênero, a sexualidade é uma produção que diz também de um tempo histórico no qual os sujeitos estão sendo construídos. “A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico [...]” (Foucault, 2023, p. 115). Entender que assim como o gênero, a sexualidade remete a uma construção histórica, é basilar para perceber que as masculinidades, feminilidades e, por conseguinte, as masculinidades tóxicas são construídas através dos processos de subjetivação dos sujeitos. Anderson Ferrari (2010) defende que: “Diferentes modos, práticas, ações, discursos, relações que estabelecemos nas nossas histórias fazem de nossas experiências diferentes maneiras de nos tornarmos sujeitos” (Ferrari, 2010, p. 9). Os modos como nos tornamos sujeitos estão entrelaçados nas relações de saber-poder, conforme descreve Michel Foucault (2014).

Cientes que os sujeitos são resultados dos discursos, o outro conceito que iremos operar para pensar as masculinidades tóxicas e seus modos de sociabilidades é o currículo de masculinidade do torcedor descrito por Gustavo Andrada Bandeira e Fernando Seffner (2019, p. 323) “Em alguma medida, o currículo de masculinidade dos torcedores de estádio foi bastante competente ao participar da construção de sujeitos generificados [...]”. Os autores defendem a existência de um processo pedagógico que constroem os torcedores e, por conseguinte, os gêneros. São esses modos de fazer-se torcedor que nos interessa. Logo, os discursos que constroem as masculinidades tóxicas através dos processos educativos das torcidas e que se materializam pelos modos de sociabilidades nos despertam interesse. Para tanto, teremos uma pergunta problematizadora: Como os discursos presentes no currículo das torcidas remetem à construção das masculinidades tóxicas? Para pensar sobre essa problemática, dividiremos o texto em três partes: na primeira, abordaremos os discursos que constroem as masculinidades, as masculinidades tóxicas e o cabra-macho; na segunda, pensaremos nos modos de sociabilidades do currículo dos torcedores que materializam a violência e exigem distanciamento do universo feminino, e ,na terceira, lançaremos o olhar sobre os espaço escolar, que entra na arena de disputa da construção das subjetividades e pode ser pensando como estratégia da biopolítica como possibilidade de pensar outros modos de ser/estar menino/homem que contraponha as masculinidades tóxicas.

Masculinidades, Masculinidades Tóxicas e Cabra-macho

Segundo Marcos Nascimento (2018), os estudos sobre as masculinidades, no Brasil estão sendo realizados há pelo menos 25 anos. Com essa afirmação, o autor quer destacar a constituição e a consolidação de uma área do conhecimento que tem entendido as masculinidades como construções culturais, ou seja, que tem defendido que é na cultura e pela cultura que nós somos constituídos como sujeitos pertencentes ao gênero. Nesse pensamento, estamos nos juntando a essa esteira de autores e autoras que se debruçam a pensar as masculinidades e convidamos os/as leitores/as a refletir as masculinidades tóxicas como um dos modos de ser/estar masculino. Para Thatiane Oliveira do Nascimento (2023), as masculinidades tóxicas devem ser entendidas a partir de três aspectos. O primeiro como “uma construção histórica social, que ocorre na esfera cultural” (Nascimento, 2023, p. 543). O segundo, como resultado de atos repetitivos, como efeito dessa construção, ela é “iniciada desde a infância” (Nascimento,

2023, p. 543). Por último, como terceiro aspecto, a autora marca como uma das suas características as “violências contra si e contra outros/as, sendo responsável pelos altos índices de violência contra mulheres e LGBT+” (Nascimento, 2023, p. 543). Essas afirmações corroboram as problematizações sobre os discursos que constroem os sujeitos e dizem dos assujeitamentos que ocorrem para ser visto como masculino. Esses três aspectos juntos vão estar presentes nas torcidas de futebol, de tal maneira que ela se caracteriza como espaço machista e homofóbico.

Consideramos que, conforme descreve Michael Kimmel (1998), as masculinidades mudam de cultura, para cultura e dentro de uma própria cultura. Do mesmo modo, ocorre com as masculinidades tóxicas, que são construídas desde a infância, como defende Jeremy Lee Lehn (2015) para quem a masculinidade tradicional é um parâmetro para problematizar a masculinidade tóxica porque ambas dizem do machismo que é impregnado na sociedade como algo natural e entendido como modelo de virilidade, força física e potência sexual. Para o autor, a violência é resultado desse conjunto de entendimentos que tem efeitos nos sujeitos, podendo refletir em diferentes agressões contra si e contra outros/as, podendo materializar-se em violência contra mulheres e homossexuais. Entendemos que essas práticas estão imbricadas na construção dos sujeitos e podem ser vistas como parte do processo de subjetivação dos meninos/homens. Isabel de Oliveira e Silva e Iza Rodrigues da Luz (2010) realizaram uma pesquisa com crianças de 0 a 3 anos e apresentaram a generificação durante as práticas das educadoras, os meninos são incentivados a participar em atividades que envolvem risco e exigem mais força para realizar, diferente das meninas.

Esse caráter de construção também aparece nos estudos de Raywen Connell e James W. Messerschmidt (2013) sobre o conceito das masculinidades hegemônicas. A autora e o autor argumentam sobre a possibilidade de masculinidades hegemônicas positivas. “[...] Uma versão da masculinidade aberta à igualdade com as mulheres” (Connell; Messerschmitt, 2013, p. 272). Essa ideia de uma “masculinidade aberta” nos interessa na medida em que ela reforça o caráter de construção defendido pelas pesquisadoras e pesquisadores de gênero e sexualidade. Raewyn Connell (1995) afirma que são plurais as masculinidades, inexistindo uma forma única de ser homem, aproximando-se da construção de gênero defendida pela autora Judith Butler (2023), ao afirmar que o gênero e a sexualidade são produtos de efeitos e investimentos contínuos. Essas formas de entendimento das masculinidades abrem a possibilidade da construção

de uma masculinidade hegemônica “positiva”, muito embora os autores argumentem que “A história recente mostrou a dificuldade de se atingir essa prática. Uma hegemonia positiva permanece, todavia, como uma estratégia-chave para os esforços contemporâneos de reforma” (Connell; Messerschmitt, 2013, p. 272).

A positividade da masculinidade está no investimento em um outro tipo de masculino que se aproxime das mulheres e que não entenda o gênero feminino como algo que deve se distanciar, bem diferente das masculinidades tóxicas que, em nenhum momento, serão positivas, uma vez que elas apresentam uma das facetas mais perversas do ser/estar masculino. Nessa linha de pensar os esforços contemporâneos de reforma, Thomaz Spartacus Martins Fonseca (2024) apresenta a possibilidade das masculinidades outras como modos de ser/estar masculino que não resiste aos afetos, nem ao contato com o universo feminino. “Pensar em ‘masculinidades outras’, é pensar em outras possibilidades de vivências e de ‘experimentações outras’ das relações de gênero, e, também, das relações masculinas com o próprio ‘mundo masculino’” (Fonseca, 2014, p. 161). De forma geral, trabalhar com as masculinidades é pensar nas relações entre os gêneros (entre masculinidades e feminilidades) e no interior do próprio gênero (entre homens). Assim, diferente das ‘masculinidades outras’ pensada pelo autor, as masculinidades tóxicas são marcadas pela violência, seja contra outros (mulheres e homossexuais, especialmente), ou contra si. Da mesma forma que são diferentes das masculinidades hegemônicas que exigem “que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens” (Connell; Messerschmitt, 2013, p. 245). As masculinidades tóxicas não exigem que outros sujeitos venham aderir a ela.

Em meio a essa discussão, duas performances de masculinidades nos interessam como processos educativos dos sujeitos. A primeira é aquela que nos convida a pensar como as masculinidades variam de cultura para cultura: o cabra-macho nordestino. “Seja por motivos eugênicos, telúricos ou histórico-culturais, o nordestino é definido como cabra-macho, é um cabra da peste, homem de fibra, uma reserva da virilidade nacional” (Durval Muniz de Albuquerque Júnior, 2013, p. 153). O autor aponta para a virilidade como um dos componentes do fazer-se homem no Nordeste e aciona ainda a construção discursiva através das condições de emergência da história e da cultura. A segunda performance de masculinidade seria as masculinidades tóxicas. “Quando falamos em masculinidades tóxicas estamos, na realidade, falando do ideal de macheza que concentra em si a permissão para violentar e subjugar tudo o que se opõe ao seu

atributo de valor humano” (Joice Berth, 2023, p. 188). A autora defende a materialização das masculinidades tóxicas como uma ação contra as demais pessoas.

Nesse pensamento, considerando o arcabouço conceitual de Michel Foucault (2023), para quem os sujeitos são resultado dos modos de subjetivação, podemos dizer que a primeira instância que constitui os sujeitos são os saberes, o que significa que, para o autor, somos sujeitos assujeitados. Para Foucault, os sujeitos são assujeitados, porque não há sujeitos sem saberes. Seguindo essa linha de pensamento, Judith Butler (2023) vai defender que o primeiro saber que nos assujeita é o gênero, de tal forma que podemos dizer que os assujeitamentos do que é ser masculino, já que, para a autora, o gênero é um aspecto que determina a inteligibilidade em nossa cultura, de forma que “não se pode dizer que os corpos tenham uma existência significável anterior à marca do seu gênero” (Butler, 2003, p. 27). Podemos supor que as masculinidades tóxicas são construídas desde a infância, pois os modos de produção de sujeitos que constituem uma *pedagogia paramasculinidades*, ou seja, saberes que ensinam o que é considerado para ser/estar masculino socialmente, constroem um dispositivo para a masculinidade através de brincadeiras para meninos, que os convida a serem destemidos e perceber a força e a violência como características da sua subjetividade. O mundo dos meninos, construído dentro do universo das cores, brincadeiras e objetos também não lhes permite expressar suas emoções; acompanhado da frase “homem não chora”, são conduzidos a entender que o universo da fragilidade e expressão de emoções compõe as subjetividades femininas, das quais eles precisam se distanciar. Assim, o discurso de ser homem é ser forte, é ser viril, é ser violento, é dominar o/a outro/a, vai costurando os modos de ser homem, constituindo as masculinidades tóxicas como disputa que envolve resistências, desassujeitamento, desconstrução e negação.

“A masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero” (Connell, 2017, p. 188). A autora segue refletindo sobre a existência de configurações plurais socialmente construídas, o que leva a pensar em “masculinidades”. Fernando Seffner (2016) apresenta que, a partir da formação discursiva do que seria feminino, o masculino é constituído, ou seja, surge o não feminino. As contribuições do autor nos conduzem a pensar sobre os jogos de disputas que constroem as masculinidades. O que ou quem define o “não feminino”? Quais interesses estão circunscritos nos modelos de ser/estar masculino que atravessam e constroem gerações? Connell (2017) segue nos apresentando apontamentos da construção das masculinidades de forma coletiva: “na exibição masculina das gangues

de moto, nos desfiles militares ou nas torcidas de futebol” (p.191). A descrição da autora nos convida ao descrito por Butler (2010), sobre o entendimento da construção do gênero através das normas. “Uma norma opera dentro das práticas sociais como o padrão implícito de normalização (p.69)”. As normas que constroem as masculinidades dentro das práticas sociais das gangues de moto, da torcida de futebol, nos desfiles militares, nas escolas, entre outras instituições sociais, têm o caráter de normalizar, diferente de uma lei, ou regra, pois está imbricada no que está normalizado dentro daquela cultura.

De acordo com o contexto cultural no qual os sujeitos transitam, a norma está sujeita ao que podemos chamar de mutação, ou seja, cada cultura irá construir o que seria normativo e inteligível para ser considerado masculino, ou feminino. “O gênero é o mecanismo através do qual se produzem e se naturalizam as noções do masculino e do feminino [...]” (Butler, 2010, p. 70). Tornar inteligível o processo de construção das masculinidades na perspectiva da pluralidade nos conduz a refletir sobre as masculinidades tóxicas, que, de acordo com Isaque Cabrera do Nascimento (2023), foi primeiramente nomeada de forma singular, masculinidade tóxica, pelo Movimento Mitopoético dos homens na década de 80. Era entendida como o reflexo da crise da masculinidade, que, para ter sua vivência restaurada, preconizava o distanciamento do feminino, em busca do que nomeavam de masculinidade primitiva. Novas discussões foram sendo pensadas desde então, tanto em nível nacional quanto internacional. Acreditamos que “[...] O gênero bem poderia ser o aparato através do qual esses termos são desconstruídos e desnaturalizados” (Butler, 2010, p. 70). Interessa-nos, para além de discutir as masculinidades tóxicas, problematizar os modos de desconstruir e de desnaturalizá-las. Não temos como pretensão apresentar uma receita para tal feito, antes nos interessa tornar inteligível os modos como essas construções que nascem na esfera discursiva e atravessam os sujeitos, desvencilhando a intencionalidade em tornar “natural” os modos de ser/estar masculino e, por conseguinte, feminino. “Se quisermos que essa mudança se torne consciente e aberta ao controle democrático, então precisamos saber como o gênero é moldado e como ele pode ser re-moldado” (Connell, 1995, p. 189).

Para tanto, entendemos que os modos de ser/estar masculino são atravessados pelo que nomeamos de *pedagogiaparamasculinidades*, a um processo de ensino, de condução dos sujeitos desde a infância. A *pedagogiaparamasculinidades* existe na sociedade tanto em espaços não escolares quanto nos espaços escolares. São

caracterizadas por processos inseparáveis, do modo como está escrito: pedagogia - condução dos sujeitos; ensino das masculinidades - construções e modos de ser/estar masculino.

As normas sociais estabelecidas para o comportamento dos gêneros, quando pensadas como referentes ao feminino, são entendidas como fragilidade para o masculino, que precisam ser substituídas por construções patriarcais sobre o que é ser homem. É esse pensamento que parece nortear a construção do homem cabra-macho, que se sentiria ameaçado pela substituição de “um passado patriarcal”. “[...] por uma sociedade ‘matriarcal’, efeminada” (Albuquerque Júnior, 2013, p. 150). Os discursos estabelecidos para construção do “macho por excelência” se entrelaçaram com as práticas discursivas que circunscrevem gêneros e sexualidades. Michel Foucault (2023) descreve, como estratégia estabelecida dentro do saber-poder, a construção da sexualidade como campo de conhecimento: “[...] um domínio penetrável por processos patológicos, solicitando, portanto, intervenções terapêuticas ou de normalização [...]” (Foucault, 2023, p. 77). Os discursos que constroem a sexualidade de forma concomitante também o fazem com o gênero.

Neste campo de disputa, “Gênero e sexualidade são acionados nos jogos de poder como marcadores para construção do ‘macho por excelência’” (Nascimento, 2024, p. 533). Os enunciados do feminino, concernentes à sexualidade, estavam estabelecidos em inferioridade. “O afeminado no homem é desprestigiado, objeto de desprezo, colocado em patamar inferior ao feminino da mulher, a existência de um homem afeminado fornece o exemplo do que não se deve fazer, do que não se deve ser [...]” (Seffner, 2016, p. 179). Negar as características femininas nos comportamentos e na sexualidade, estabelecendo a heteronormatividade como pertencimento, fez parte da construção do homem nordestino. O “macho por excelência” precisaria das características ligadas ao gênero masculino, estabelecidas como heterossexuais.

Segundo Wilmar Roberto Gaião (2001), Francisco Janio Filgueira Aires (2008), e Durval Albuquerque Júnior (2013), a construção do cabra-macho tem recortes de virilidade, heteronormatividade, rebeldia, liderança familiar, valores cristãos e negligência com a própria saúde, assim como a aprendizagem de pai para filho. A defesa da honra reflete na violência contra a mulher. A homossexualidade não é concebida como uma sexualidade masculina. Entretanto, quando estando entre pares, subjugar o outro, como sujeito penetrável, reforça a masculinidade de cabra-macho. A virilidade nacional, descrita por Albuquerque Júnior (2013), perpassa a construção desse

sujeito nordestino. O cabra-macho nordestino é construído dentro de uma intencionalidade histórica-cultural. Um processo pedagógico se inicia de forma intencional desde a infância para fortalecer o que se entendia como o ideal de homem regional. “Seja por motivos eugênicos, telúricos ou histórico-culturais, o nordestino é definido como cabra macho, é um cabra da peste, homem de fibra, uma reserva da virilidade nacional” (Albuquerque Júnior, 2023, p. 153). A sexualidade é circunscrita como uma forma de construção das masculinidades, que estaria sendo prejudicada diante do envio dos meninos para estudar na cidade. A iniciação sexual dos meninos na cidade seria também a responsável pelo processo de desvirilização, pois a vida rural oferecia formas de descobrir os prazeres sexuais que não eram possíveis estando na vida urbana. “Estes também já não conheciam as delícias e a poesia da iniciação sexual feita nas vermelhas flores de mandacaru, ou menos poéticas feitas no orifício do tronco de bananeira, ou em animais: da simples galinha à vaca de ancas quase de baiana” (Albuquerque Júnior, 2023, p. 107). O universo feminino assim como a homossexualidade está presente como condição inferiorizada na construção das masculinidades tóxicas e do homem nordestino, condicionando os sujeitos a se distanciar para não ter sua masculinidade questionada.

Currículo de masculinidades e a materialidade da violência

Meu Sport é seleção, quarenta vezes fomos campeão Sport, meu amor, pau no cu dos tricolor. O trecho apresentado faz parte de um cântico da torcida jovem do Sport. A formação discursiva diz de aspectos que denotam o subjugar o outro, com práticas que remetem ao universo da sexualidade. Mais do que isso, remete à homossexualidade como humilhação e dominação. O ato de agressão à homossexualidade serve para a construção performativa da heterossexualidade e, portanto, de homens cabra-macho. “Pau no cu dos tricolor” é transformar a torcida adversária em homossexuais, numa ação que constrói, ao mesmo tempo, os torcedores do Sport, como de heterossexuais.

Gustavo Andrada Bandeira e Fernando Seffner (2013) descrevem que os torcedores de futebol “[...] são produzidos ao longo de diferentes jogos e situações. Os cânticos repetidos, performances executadas, emoções explicitadas são didaticamente empregados [...]” (p. 247). O contexto de produção dos sujeitos que estão presentes nas torcidas de futebol remete a uma norma previamente estabelecida. “Uma norma opera dentro das práticas sociais como o padrão implícito de normalização” (Butler, 2010, p. 69). Bandeira e Seffner (2013) ressaltam que “[...] A masculinidade vivida nesse

contexto cultural específico possui algumas características particulares: ela é machista e homofóbica” (p. 247). Essas afirmações corroboram o trecho da torcida jovem do Sport, ao descrever a introdução de um pedaço de madeira no anus dos adversários *Pau no cu dos tricolor*. Tal prática deixa de ser um “simples” canto para se tornar realidade a partir da notícia que abre esse artigo, em que o chefe da torcida do Sport sendo violentado sexualmente, como se fosse uma revanche. “Essas práticas sexuais cantadas apontam que apenas os sujeitos que ocupam a posição de passividade no ato homoerótico teriam sua masculinidade em “risco” (Bandeira; Seffner, 2013, p. 253). O penetrar o outro denota o aspecto de superioridade de quem penetra e de subordinação de quem é penetrado. Um canto que ensina posições de sujeitos nas relações entre homens, que ensina sobre homossexualidades e heterossexualidades, já que no Brasil, comumente aquele que penetra nem sempre se considera homossexual.

Fazer-se torcedor remete a produção discursiva através de um currículo de masculinidades de torcedores. “O currículo de masculinidade nos estádios de futebol seria mais produtivamente pensado como uma série de sugestões ou de indicações, algo que os sujeitos são reiteradamente incitados a fazer” (Bandeira; Seffner, 2019, p. 314). Diante do exposto pelos autores, podemos perceber que o gênero e a sexualidade também estão presentes no campo de disputa da construção dos torcedores nos estádios de futebol. “O gênero é o aparato através do qual ocorre a produção e a normalização do masculino e do feminino, juntamente com as formas intersticiais hormonais, cromossômicas, psíquicas e performativas que o gênero assume” (Butler, 2010, p. 70). A norma social apresentada pela autora constrói a ideia do que a sociedade espera diante da nomeação de masculino ou feminino, norma que também é construída de acordo com identificações biológicas.

O feminino na mulher é valorizado, embora colocado em situação hierárquica inferior ao masculino do homem. O afeminado no homem é desprestigiado, objeto de desprezo, colocado em patamar inferior ao feminino da mulher, a existência de um homem afeminado fornece o exemplo do que não se deve fazer, do que não se deve ser (Fernando Seffner, 2003, p. 179).

Pensar na construção do gênero masculino no campo do currículo dos torcedores é considerar que “As formas dos currículos prescrevem, enquadram, formatam, generalizam, repetem o mesmo, limitam” (Marlucy Alves Paraíso, 2015, p. 15). A construção da masculinidade a partir do currículo de torcedores, preconiza normas

conjuntas de saberes que direcionam os sujeitos. A limitação, quando pensada a partir da lógica do gênero e da sexualidade, diz das práticas necessárias para estar enquadrado dentro da heteronormatividade. “O pressuposto universal - ao menos até que seja perturbado - é que “todo mundo” é, ou deveria ser, heterossexual e que a heterossexualidade é marcada através de rígidos binários de gênero” (Deborah P. Britzman, 1996, p. 76). A norma limita e enquadra, reproduz a violência entre os torcedores. “Em muitos momentos, essa homofobia é naturalizada e manifestações dessa ordem não são entendidas como violentas” (Bandeira; Seffner, 2013, p. 247). A construção de um currículo está imbricada no saber-poder que atravessa os processos de subjetivação, ou seja, pensar o currículo dos torcedores como modos de sociabilidade das masculinidades tóxicas é pensar nos saberes que constroem os sujeitos, dentro de um contexto histórico e cultural. Como estamos operando com a construção dos sujeitos a partir de um processo histórico que enquadra e nomeia o gênero e a sexualidade, interessam-nos os modos de sociabilidades discursivas que constroem o gênero e a sexualidade dos torcedores de futebol e que resultam em masculinidades tóxicas, como aquela que nega e violenta as homossexualidades. Assim, as práticas homofóbicas podem ser pensadas como um dos modos de sociabilidades que são materializados pelas masculinidades tóxicas nos contextos das torcidas de futebol.

Consideramos que as masculinidades tóxicas constroem seus modos de sociabilidades nas torcidas de futebol diante da proposta de construção do masculino. “O futebol é uma importante instituição masculina. Ele é produzido por pressupostos de masculinidade ao mesmo tempo em que participa da produção, circulação e hierarquização de diferentes possibilidades de masculinidades” (Bandeira; Seffner, 2013, p. 252). Fazer-se torcedor requer dos sujeitos performances contínuas diante da construção de si, assim como durante a interação com os outros. O currículo de torcedor requer enquadramentos e posturas que identifique seus pares. Esses enquadramentos ultrapassam as fronteiras do entendido como seguro para si e para os demais. Ou seja, os enquadramentos que validem a masculinidade dos torcedores de futebol podem estar circunscritos a prerrogativas de violência. Para além de uma performance de masculinidade que se distancia do feminino e que percebe a homofobia como parte do ser homem, a violência contra o outro - uma das faces das masculinidades tóxicas - materializa-se como forma de construção do masculino.

Como resultado desses atos de violência, a Justiça decretou prisão preventiva de 13 envolvidos em brigas de torcidas organizadas antes de jogo do Santa Cruz e Sport. O

enunciado está escrito logo abaixo do vídeo que mostra um torcedor do Sport sendo atacado por torcedores do Santa Cruz. O vídeo apresenta um homem caído na calçada de uma das esquinas da Cidade de Recife; no chão, cerca de oito homens o atacam, e ele tenta se defender cobrindo o rosto. Mais homens se aproximam e continuam chutando e batendo no que está caído, é possível contar cerca de 15 envolvidos na agressão. Logo depois, o mesmo vídeo mostra a imagem desfocada do homem já sem roupa com o rosto ensanguentado, ainda levando chutes e socos.

A prática de violência que envolveu os torcedores nos remete a pensar nos modos de sociabilidades das masculinidades tóxicas, que corroboram com as afirmações de Bandeira e Seffner (2013): “Diferentes manifestações de violência podem ser entendidas como uma característica importante e desejável em algumas representações de masculinidades” (p. 263). Estamos pensando em um grupo de 15 homens que atacam um outro com socos, chutes, objetos e buscam nessa prática conduzir o outro a uma condição de subordinação diante da violência sexual.

Os autores, quando afirmam sobre a socialização das masculinidades, descrevem que “Ela pode também aparecer como uma forma de socialização entre grupos de homens. A coletividade pode auxiliar ou incentivar as demonstrações violentas” (Bandeira; Seffner, 2013, p. 263). Esses enunciados dizem da construção das masculinidades, que está imbricada no currículo dos torcedores. “[...]As relações de gênero incluem relações entre homens, relações de dominação, marginalização e cumplicidade” (Connell, 1995, p. 189). A epistemologia da palavra “cumplicidade” remete a ser conivente com a prática, mas o que percebemos, diante do grupo de homens que se reúnem para espancar outro, é um modo de sociabilidade. Não temos um grupo observando ou acenando que concorda com a violência, que poderia ser entendido como cumplicidade. Temos um grupo de homens que se reúne para agredir outro homem, transformando a violência em uma forma de sociabilidade que molda os sujeitos. “Uma das preocupações sobre os grupos masculinos e as torcidas de futebol é a potencialidade de socialização violenta existente” (Bandeira; Seffner, 2013, p. 266). A afirmação dos autores corrobora a forma que o gênero se relaciona e se constrói com seus pares, nesse contexto considerando as torcidas de futebol. O atacar um torcedor rival conduz a um modo de construção das masculinidades tóxicas e de relação entre os sujeitos. “Essa preocupação ganha corpo e legitimidade quando pensamos que ela opera em uma lógica de socialização que aponta para características de virilidade, homofobia, sexismo, machismo, competitividade e outros” (Bandeira; Seffner, 2013, p. 266). As

sociabilidades violentas remetem a uma construção cultural que está imbricada nas normas que atravessam as subjetividades.

As violências praticadas pelos homens, reforçam seus modos de serem vistos como homens pelo grupo. “Essas características podem exigir que demonstrações violentas sejam utilizadas como marcador de inteligibilidade dos sujeitos” (Bandeira; Seffner, 2013, p. 266). Para ser inteligível no contexto da relação entre os pares, os homens configuram um modo de agredir o outro como necessário para ser reconhecimento dentro de uma masculinidade não passível de dominação, não subordinada. “As masculinidades são configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular” (Connell, 1995, p. 250). A dominação do outro, por meio da violência, o rasgar a roupa e colocar o torcedor rival em uma condição que remete à inferioridade, constrói e reforça as sociabilidades das masculinidades tóxicas. Essas práticas não estão isoladas, elas fazem parte de uma rede discursiva que produz os sujeitos através de saberes sobre o que é ser homem.

A formação discursiva presente no processo de inferiorização do outro, do penetrável legitima os modos de ser/estar masculino das masculinidades tóxicas? Poderíamos pensar que esse também seria um modo de sociabilidade do cabra-macho? Pensamos nessa aproximação tanto pelo comportamento violento, como pela região na qual a violência aconteceu. Apesar de sabermos que a formação discursiva que iniciou a construção do cabra-macho descrito do Albuquerque Júnior (2013) tem características imbricadas com a heteronormatividade e nos traços de violência como parte da subjetivação dos sujeitos, afirmar que a violência ocorrida denota também de uma aproximação entre o cabra-macho e as masculinidades tóxicas seria equivocado.

Apesar de o termo cabra-macho estar situado na região Nordeste, sua construção denota, para além das subjetividades do homem regional, a construção do gênero masculino. Conforme Albuquerque Júnior apresenta (2013), durante muito tempo, foi contada a história a partir dos homens e, por conseguinte, originou a preocupação em escrever a “história das mulheres, dos homossexuais e de alguns homens: os negros, os operários, os camponeses etc” (2013, p. 19). Entretanto, essa construção excluiu os discursos que construíram o gênero masculino, colocando-o apenas no campo da dualidade com o feminino. “Mas esta historiografia dos excluídos excluiu fazer uma história dos homens. Partindo de uma visão dualista e identitária, opôs o ser mulher ao ser homem como duas realidades distintas e homogêneas” (Albuquerque Júnior, 2013,

p. 19). A dicotomia entre ser homem e mulher foi sendo escrita nos diversos momentos históricos, deixando-se de problematizar a construção dos discursos que atravessam e constituem o masculino.

São esses discursos que nos interessa problematizar no espaço escolar. Como se constroem as masculinidades no espaço escolar? Como se aproximam e se distanciam as masculinidades tóxicas e o cabra-macho no espaço escolar? O currículo dos torcedores nos indica indícios dos modos de sociabilidades das masculinidades tóxicas, quando dentro do contexto das torcidas ser através da violência. Seria também um dos modos de sociabilidades das masculinidades tóxicas no espaço escolar? Os sujeitos que apresentam nos seus modos de sociabilidades discursos que remetem às masculinidades tóxicas se identificam também como cabra-macho? Com intenção de pensar sobre o espaço escolar e os discursos que constroem os gêneros no seu interior, seguimos para pensar o espaço escolar como modo de produção e resistência das masculinidades tóxicas e do cabra-macho. Consideramos que os saberes que organizam a formação discursiva do cabra-macho remetem também aos processos de resistências, do mesmo modo ocorre com as masculinidades tóxicas.

Formação discursivas e a produção das subjetividades na escola

Somos sujeitos, produtos e produtores de discurso. O saber-poder que nos assujeita remete a um período histórico que reflete o ideal social que se pretende alcançar, Michel Foucault (2023). As relações entre os saberes que exercem poder e constroem os sujeitos estão imbricadas em processos de resistência. Para além de problematizar as masculinidades tóxicas no espaço escolar como uma construção histórica e social, destaca-se também suas aproximações com o cabra-macho. Consideramos também a importância de buscar os processos de resistência e os modos de desconstrução desses saberes que emergem no e fora do espaço escolar e que constroem os sujeitos.

Conforme apresenta a reportagem da globo.com, com o título: “O retorno do ‘macho alfa’? Como a masculinidade tóxica tem ganhado impulso na web e influenciado jovens⁴”, é grande a influência dos discursos misóginos e violentos nos processos de subjetivação dos sujeitos. Nesse pensamento, percebemos a importância de

⁴<https://oglobo.globo.com/ela/noticia/2025/03/21/o-retorno-do-macho-alfa-como-a-masculinidade-toxica-tem-ganhado-impulso-na-web-e-influenciado-jovens.ghtml>.

problematizar como o espaço escolar produz e é afetado por saberes que constroem sujeitos, o que nos leva a considerar o escrito por Danilo Araujo de Oliveira e Anderson Ferrari (2022), quando defendem as potencialidades da escola como ambiente para promover a desconstrução/construção dos gêneros. Os autores veem a escola como um ambiente fértil para promover novas aprendizagens. De acordo com os autores supracitados, Fernando Seffner (2016) nos remete a perceber a escola como espaço que, para além de promover conhecimentos de alfabetização científica, que pensamos como conteúdos curriculares distribuídos de acordo com anos e séries, é também um espaço de sociabilidade, distinto do contexto da família.

A importância das aprendizagens de gênero oportunizadas pelo ambiente escolar, com a intencionalidade de apresentar outras possibilidades de ser dos sujeitos, parte de pesquisas já realizadas que indicam que “[...] A influência das masculinidades tóxicas se configura como uma cultura da formação do homem” (Rafael Ferraz Baptista, 2019, p. 111). Sabemos que a escola faz parte da conjuntura sociocultural e está imbricada nos processos discursivos que constroem os sujeitos e, por conseguinte, entra na arena de disputa de saber-poder presente nos processos de subjetivação. Diante disso, pensamos na educação escolar como uma estratégia biopolítica que fomenta uma educação de gênero baseada na igualdade. “[...] deveríamos falar de ‘biopolítica’ para designar o que faz com que a vida e seus mecanismos entrem no domínio dos cálculos explícitos, e faz do poder-saber um agente de transformação da vida humana [...]” (Foucault, 2023, p. 154). Baptista (2019) segue defendendo um processo de influência que é disseminado de modo geracional, que dificulta a construção de outros modos de masculinidades. “Essas influências são perpassadas pelas gerações e vem resistindo em nossa sociedade, comprometendo a construção da concepção e aceitação da pluralidade das masculinidades, reforçando a intolerância e a dominação [...]” (Baptista, 2019, p. 111). Essas relações, conforme o autor defende, são construídas à base das relações de gênero.

Sabemos que os gêneros se constroem nas relações, e essas estão inseridas em um contexto cultural. Assim, as construções dos gêneros, para além de serem relacionais, também são culturais, perpetuando-se nas gerações seguintes. Podemos pensar que as famílias adotam um modelo de ser homem/mulher pautado na cultura, que perpassa gerações e, por conseguinte, está entrelaçado nas normas familiares, assim como nas culturais.

Na construção das gerações, podemos pensar em um pai que vivenciou uma masculinidade tóxica, educando seu filho para ser também um sujeito que apresenta um homem nessa perspectiva. Não que essas ações sejam intencionais; antes, elas estão atreladas aos jogos de verdades que são aprendidos, de acordo com Michel Foucault (2023). O campo da sexualidade e, por conseguinte, do comportamento masculino, é acionado como estratégia para formar esse sujeito dentro das masculinidades tóxicas do ser masculino. “Tanto o menino quanto a menina cresce acreditando que mulher e homem são o que são por natureza” (Sócrates Nolasco, 1997, p. 19). As formações discursivas que atravessam os sujeitos buscam fomentar os modos de ser homem e mulher como advindos da natureza. Entretanto, conforme Butler (2023) defende, o gênero e a sexualidade são construções através de atos performativos, que são realizados desde a gestação de uma criança. Nesse sentido, Anderson Ferrari (2022) nos convida a perceber que “Todos os dias temos aulas de gênero e sexualidade e vamos ensinando meninos e meninas a serem meninos e meninas nos seus atravessamentos de raça, classe, sexualidade” (Ferrari, 2022, p. 39). O espaço escolar é visto pelo autor como campo de construção dos gêneros, no qual existiria uma arquitetura que converge para uma ordem social de gênero e sexualidade.

A criança de qualquer pedagogia já está, ao mesmo tempo, codificada como uma criança generificada, sexuada e racializada. Neste sentido, a "criança" se torna um dos constructos mais normalizados e regulados da educação (Britzman, 1996, p. 78).

Os investimentos com intencionalidade de garantir subjetivações dentro da norma cultural da heteronormatividade seguem através das práticas discursivas e não discursivas que ocorrem no cotidiano escolar.

Seria possível pensar em uma educação escolar que desconstruísse as práticas discursivas que afetam as subjetividades masculinas e femininas, separando-as em polos distintos e opostos? Ou seja, pensar em educar para igualdade de gênero, questionando símbolos, espaços e comportamentos tradicionais - como a ideia de que meninas vestem rosa e meninos vestem azul, fomentando que, assim como elas, eles também podem demonstrar afetos, desconstruindo o entendimento de que o universo feminino seria um risco do qual deveriam se afastar para ter sua masculinidade reconhecida.

Constantina Xavier Filha (2012) nos conduz a pensar sobre o binarismo: coisas de menina x coisas de menino, que constroem os sujeitos e estão presentes no campo escolar. Diante da busca em promover reflexões sobre a pluralidade de ser/estar feminino ou masculino, a autora descreve que “Os meninos, em especial, relutam mais

em desconstruir o modelo único de masculinidade hegemônica. Segundo eles, um menino mais sensível seria considerado homossexual” (Xavier Filha, 2012, p. 644). Esse relato corrobora os discursos presentes nas subjetividades que constroem as masculinidades tóxicas e o cabra-macho.

O cotidiano dos meninos está permeado por observações tais como: ‘isto é brinquedo de menina’, ‘menino não chora’, ‘menino não abraça nem beija outro menino, só os maricas’, ‘você transou com ela? Não? É muito bobo!’, ‘você é medroso, parece mulher (Nolasco, 1993, p. 42).

O distanciamento do universo feminino é compreendido como reflexo da virilidade necessária para ser visto enquanto masculino, conforme descrito na pesquisa de Constantina Xavier Filha (2012), e corrobora o que é exposto por Sócrates Nolasco (1993). A preocupação dos meninos em permanecer dentro do padrão heteronormativo de feminino e masculino perpassa a construção da sexualidade, que poderia ser contestada como homossexual. Esse relato revelaria que a preocupação dos meninos em permanecer distantes do universo feminino não está associada ao fato de não gostar de adereços ou cores, mas à percepção de serem vistos como subalternos/inferiores?

Nessa perspectiva, Anderson Ferrari e Roney Polato de Castro (2015) problematizam a homossexualidade como ameaçadora no espaço escolar ao contrapor os padrões de comportamentos instituídos para o masculino. Os autores apontam que “Quase sempre o pedido de ajuda para as homossexualidades se relaciona com algum tipo de discriminação, preconceito e violência vinda de meninos heterossexuais, ou que estão em processo de construção das heterossexualidades” (Ferrari; Castro, p. 57). Essas afirmações nos dão indícios da materialidade das masculinidades tóxicas diante da violência sofrida por meninos, advinda de outros entendidos como heterossexuais. Não estamos pensando as masculinidades tóxicas apenas presentes em pessoas heterossexuais, haja vista que ela se materializa em diversos contextos e, por conseguinte, de diversas formas, entretanto uma de suas faces busca reivindicar um enquadramento para ser entendido como masculino em cada contexto e remetem a práticas homofóbicas.

As subjetividades dos sujeitos emergem no espaço escolar, sendo construídas também pelas relações de poder descritas por Michel Foucault (2023), que são estabelecidas na escola. Nesse pensamento, Britzman (1996, p. 81) descreve a existência de um “[...] intercâmbio normalizador, que poderia ser talvez melhor

chamado de ‘o peso de ter que agir como heterossexual’, é também dependente de como o conhecimento sobre a heterossexualidade é transmitido informalmente [...]”. A autora continua explicando que o peso de agir como heterossexual é disseminado “[...] através de relações sociais e de escassas economias do afeto, bem como através dos meios formais do currículo escolar de educação sexual, precisamente um dos locais onde a heterossexualidade é normalizada (Britzman, 1996, p. 81). Ela denuncia a existência de um currículo escolar de educação sexual que apresenta a normalização da heterossexualidade. Nesse sentido, Anderson Ferrari (2010) afirma que as práticas discursivas que constroem a heteronormatividade como natural se materializam também em outros espaços sociais, assim como no currículo escolar.

As práticas educativas estariam imersas em construções heteronormativas como basilares no cotidiano escolar? Podemos pensar que o currículo escolar que atravessa as instituições escolares na Paraíba tem como objetivo construir sujeitos dentro da cultura heteronormativa e que reverbera na construção das masculinidades tóxicas próximas do cabra-macho? Essa problematização nos conduz para o campo de pesquisa, alinhadas com o entendimento descrito por Anderson Ferrari (2010) ao afirmar que:

Falar de subjetividades a partir da escola significa, para mim, fazer a genealogia dos sujeitos que estão constituindo neste espaço, para que desta forma, poder contextualizar o que se está acontecendo no seu interior e entender esses sujeitos como resultado de instituições, práticas e discursos, produtos de processos históricos e contextos sociais determinados (Ferrari 2010, p. 253).

O autor nos convida a pensar a genealogia dos sujeitos que estão inseridos no espaço escolar, com a intencionalidade de entender práticas discursivas e não discursivas materializadas nas relações com as demais pessoas que estão nesse espaço social. Esse convite diz de um contexto histórico, social e cultural, dos modos de fazer os sujeitos. Nesse costurar, consideramos que problematizar a construção das masculinidades tóxicas e suas aproximações com o cabra-macho, nos ajudará também a pensar sobre os saberes que constroem as masculinidades tóxicas nas torcidas de futebol e sua materialidade nos modos de sociabilidades no campo social.

Percebemos que a educação escolar pode ser pensada como uma estratégia biopolítica e, por conseguinte, educar na perspectiva de gêneros, da pluralidade e da diversidade dos sujeitos, contrapondo a hierarquização dos sujeitos e promovendo a igualdade de gênero. Trata-se de uma educação voltada para desconstruir as

masculinidades e feminilidades, provocando uma desconstrução de padrões, apresentando possibilidades de ser/estar masculino enquanto plural. Essa mudança na educação escolar aciona o biopoder descrito por Michel Foucault (2023), quando o poder é pensado para ser exercido em favor da vida.

Considerações Finais

As problematizações apresentadas foram mobilizadas pelo confronto entre as torcidas do Santa Cruz e do Sport Recife, o qual resultou, além de muitas pessoas feridas, na violência sexual contra um torcedor do Sport. A violência sofrida pelo torcedor nos conduziu a refletir sobre os modos de sociabilidades das masculinidades tóxicas que compõem os discursos que constroem os torcedores e dizem sobre o currículo dos torcedores. Mobilizamos os conceitos de masculinidades, masculinidades tóxicas e cabra-macho, que fazem parte da pesquisa de doutorado em andamento, com a intenção de pensarmos nos sujeitos como resultados de discursos. Esses sujeitos podem ser assujeitados/desassujeitados diante da *pedagogiaparamasculinidades*, formada por dispositivos que compõem o contexto sociocultural e que têm como objetivo construir os sujeitos masculinos. Entretanto, consideramos que, ao construir o masculino no pensamento dicotômico do feminino, esse também é construído. Assim, a *pedagogiaparamasculinidades* também trata do processo de subjetivação de meninas/mulheres.

Exploramos o currículo dos torcedores como um modo de construção dos sujeitos, materializado nas sociabilidades das masculinidades tóxicas. Seguimos apontando o espaço escolar como um lugar que entra na arena de disputa da construção das subjetividades e que pode ser pensado como estratégia biopolítica para desconstruir as masculinidades tóxicas. Consideramos que as problemáticas abordadas conduzem a reflexões que seguem para ser pensadas no campo de pesquisa do doutorado em andamento, assim como por outras e outros pesquisadoras e pesquisadores que estão imbricados nos processos de construção dos gêneros na sociedade.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Nordestino: invenção do “falo”- uma história do gênero masculino (1920-1940)*. 2ª. ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

BERTH, Joice. *Se a cidade fosse nossa: racismos, falocentrismos e opressões nas cidades*. 2.ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Memórias da Coligay e o currículo de masculinidade dos torcedores de futebol. *Revista Diversidade e Educação*, v. 10, n. 1, p. 310-326, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/9537/7458>. Acesso em: 17 fev. 2025.

ANDRADA BANDEIRA, Gustavo; SEFFNER, Fernando. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. *Espaço Plural*, v. 14, n. 29, p. 246-270, jul./dez. 2013. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4459/445944242012.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2025.

NASCIMENTO, Marcos. *Essa história de ser homem: reflexões afetivo-políticas sobre masculinidades*. In: CAETANO, Marcio; SILVA JÚNIOR, Paulo Melgaço da. (Orgs.). *De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil*. 1. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018. p.16-27.

NASCIMENTO, Thatiane Oliveira do. Debate teórico em torno da construção do cabra-macho e da masculinidade tóxica. *Diversidade e Educação*, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 524–548, 2024. DOI: 10.14295/de.v12i1.17102. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/17102>. Acesso em: 14 ago. 2024.

KIMMEL, Michael. S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos*, v. 4, n. 9, p. 103–117, out. 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/B5NqQSY8JshhFkpgD88W4vz/?lang=pt>. Acesso em: 17 fev. 2025.

BAPTISTA, Rafael Ferraz. *As percepções de professores sobre as influências das masculinidades tóxicas nas vivências pessoais e profissionais*. 2019, 122f. Dissertação (Mestrado em educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

FONTECA, Thomaz Spartacus Martins. “*Essa Barbie tem uma letra bonitinha*”: masculinidades em animações dos Estúdios Disney. 2024, 201f. Tese (Doutorado em educação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2024.

BUTLER, Judith. Performatividad, precariedad y políticas sexuales. *AIBR. Revista de Antropología Iberoamericana*, v. 4, n. 3, p. 321-336, set.-dez. 2009. Associação de Antropólogos Iberoamericanos em Red. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/623/62312914003.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2025.

BUTLER, Judith. *Deshacer el género*. 1 edición. Espasa Libros, Barcelona. 2010.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

BRITZMAN, Deborah. P. O que é esta coisa chamada amor - Identidade homossexual, educação e currículo. *Educação & Realidade*, [S. l.], v. 21, n. 1, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71644>. Acesso em: 19 jun. 2024.

CABRERA, Isaque do Nascimento. *Masculinidades Adquiridas*: análise do discurso publicitário e suas soluções para os problemas da masculinidade tóxica. 2023. 91f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.

CONNELL, Robert. W. Políticas da masculinidade. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71725>. Acesso em: 01 nov.2023.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W.. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, v. 21, n. 1, p. 241–282, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC/?lang=pt#>. Acesso em: 01 nov.2023.

CONNEL, Robert. W. Políticas da masculinidade. *Educação & Realidade*, [S. l.], v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71725>. Acesso em: 22 mar. 2025.

COSTA, Márcia Regina da, *et al* (Org.). *Futebol, espetáculo do século*. São Paulo: Musa, 1999.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I. A vontade de saber*; tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 16ª. Ed. RJ/SP, Paz e Terra, 2023.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France; pronunciada em 2 de dezembro de 1970; tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: edições Loyola, 2014.

FERRARI, Anderson; CASTRO, Roney Polato de. Diferenças, sexualidades e subjetividades em jogo no contexto escolar. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 40, p. 56–71, 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/24550>. Acesso em: 30 dez. 2024.

FERRARI, Anderson. Entrevista concedida a Maria Eulina Pessoa de Carvalho. *Eles por Eles*, 33-39. Curitiba: CRV, 2022.

FERRARI, Anderson. Você já deve saber sobre minha “orientação sexual” (se não sabia, ficou sabendo agora, hehe!) - subjetividades e sujeitos em negociação. Anderson Ferrari (Org). *Sujeitos, Subjetividades e Educação*. Juiz de Fora: Editora. UFJF, 2010.

LEHNEN, Jeremy Lee. *Machos em crise?* A masculinidade nos romances de Daniel Galera. In: BARBERENA, R; DALCASTAGNÈ, R. (Orgs.). *Do trauma à trama: o espaço urbano na literatura contemporânea*. Porto Alegre: Luminara Editorial, p. 273-300, 2015.

OLIVEIRA, Danilo. Araujo. de; FERRARI, Anderson. Discursos subversivos: quando o possível habita o currículo escolar. *Retratos da Escola*, [S. l.], v. 16, n. 35, p. 613–631, 2022. DOI: 10.22420/rde.v16i35.1324. Disponível em:

<https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/1324>. Acesso em: 22 ago. 2024.

MARSHALL, James D. Michel Foucault: pesquisa educacional como problematização. In. PETERS, Michael A. & BESLEY, Tina. *Por que Foucault? Novas diretrizes para a pesquisa educacional*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

NOLASCO, Sócrates. Um “homem de verdade”. Dario Caldas Org. *Homens*, 13-29. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1997.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Um currículo entre formas e forças. *Educação*, [S. l.], v. 38, n. 1, p. 49–58, 2015. DOI: 10.15448/1981-2582.2015.1.18443. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/18443>. Acesso em: 22 mar. 2025.

SEFFNER, Fernando. *Derivas da Masculinidade: Representação, Identidade e Diferença no Âmbito da Masculinidade Bissexual*. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf> Acesso em: 4 nov. 2023.

SILVA, Isabel. De Oliveira e; LUZ, Iza. Rodrigues. Da. Meninos na educação infantil: o olhar das educadoras sobre a diversidade de gênero. *Cadernos Pagu*, n. 34, p. 17–39, jan. 2010.

VIEIRA, Ricardo Alexandre Guerra & SIQUEIRA, Gisela Rocha de. Violência entre Torcidas nos Estádios de *Futebol*: uma questão de Saúde Pública. *Revista Saúde e Sociedade*, São Paulo, v.17, n.3, p.54-62, 2008.

XAVIER FILHA, Constantina. A menina e o menino que brincavam de ser...: representações de gênero e sexualidade em pesquisa com crianças. *Revista Brasileira de Educação*, v. 17, n. 51, p. 627–646, set. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/4dvbnRRcbNwtpPJCszjYTCp/abstract/?lang=pt#>. Acesso: 15 out.2023.

Recebido em agosto de 2025.

Aprovado em setembro de 2025.

